

Jorge Marques

PERSONAGENS
FEMININAS:
CONFINA
DESLOCA
MENTOS

© Oficina Raquel, 2014

© Jorge Marques, 2014

EDITORES

Raquel Menezes e Luis Maffei

CAPA

Thiago Antônio Pereira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Cesar Baptista (jcbaptista@gmail.com)

REVISÃO

Adolfo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Maria de Lourdes Soares (UFRJ)

Rosa Maria Martelo (Universidade do Porto)

Ricardo Pinto de Souza (UFRJ)

Phillip Rothwell (Rutgers University)

Gerson Luiz Roani (Universidade Federal de Viçosa)



www.oficinaraquel.com

oficina@oficinaraquel.com

facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

M357p Marques, Jorge

Personagens femininas : confinamentos, deslocamentos /
Jorge Luiz Marques de Moraes. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Oficina Raquel, 2014.

302 p. : il.; 23c m

ISBN 978-85-65505-529

Originalmente apresentado como tese do autor (doutorado
Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013)

1. Mulheres na literatura. 2. Mulheres – Condições sociais.
I. Título.

CDD: B869.09

Para Bertoleza e Macabéa.

*Para todos aqueles que, em algum momento de suas vidas,
exclamaram de si para si: "Aqui não é o meu lugar!"*

Talvez seja da minha natureza não me sentir
pertencendo totalmente a lugar nenhum,
em lugar nenhum.

(CHICO BUARQUE)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| <i>Nota Prévia</i> | 9 |
| <i>O Espaço e sua Função Estruturante</i> | 11 |
| <i>Introdução</i> | 15 |
| Sete que são oito | 37 |
| 1. O primeiro | 39 |
| As confinadas | 67 |
| 2. Olhos de botão | 69 |
| 3. A borboleta: o casulo | 96 |
| 4. A ilha | 124 |
| As deslocadas | 157 |
| 5. Virgem errante | 159 |
| 6. Da sina de caminhar em círculos | 193 |
| 7. Los Angeles, Rio, Buenos Aires, o mundo inteiro: tudo dentro de mim, eu em lugar algum | 221 |
| Entre muros e voos | 249 |
| 8. Pássaro: gaiola, trem, navio, melancolia | 251 |
| <i>Considerações finais</i> | 275 |
| <i>Referências</i> | 283 |

NOTA PRÉVIA

Este livro teve sua gênese em tese de doutorado defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Embora adaptações tenham sido realizadas, não há dúvida de que as “inquietações espaciais”, dominantes no trabalho original, aqui continuam presentes.

Em uma análise cujo tema é o espaço, tentei, de alguma maneira, aliar forma a conteúdo. Não é por outro motivo que gráficos, imagens e figuras emergem dessas páginas: o espaço do livro é, ao fim e ao cabo, mais um espaço – primeiro? último? – no qual as reflexões empreendidas são concretizadas.

Creio que vale a pena apontar que, no poema de abertura da parte do livro “As Confinadas”, há uma menção ao conto “The Yellow Wallpaper” (“O Papel de Parede Amarelo”), de Charlotte Perkins Gilman. Nas considerações finais da obra, o acúmulo caleidoscópico de informações faz referência ao último capítulo de *Maíra*, de Darcy Ribeiro. As diversas menções a filmes, além de exemplificar as situações narrativas estudadas, constituem um evidente convite para que o leitor também venha a assisti-los.

Nunca é demais agradecer aos professores Constância Lima Duarte, Godofredo de Oliveira Neto, Oziris Borges Filho e Rosa Maria de Carvalho Gens, cujas observações foram fundamentais para o aprimoramento deste estudo.

Por fim, um agradecimento especial à Elódia Xavier. Primeira leitora destas reflexões, acolheu-as sempre com generosidade e entusiasmo. Sua perspicaz análise foi fundamental para a concretização desta obra.

JORGE MARQUES.

O ESPAÇO E SUA FUNÇÃO ESTRUTURANTE

Só recentemente a categoria espaço vem atraindo a atenção dos estudiosos, até então mais ocupados com a questão do tempo na narrativa. Com os fenômenos da diáspora, da desterritorialização e da globalização, o espaço emergiu como uma categoria importante na crítica literária. Em se tratando de personagens femininas, ele se revela um elemento atuante no drama narrado. Esta a grande descoberta da pesquisa feita por Jorge Marques, em sua tese de doutorado agora transmutada em livro. Aqui, o espaço repressor e os deslocamentos em busca do lugar adequado constituem o núcleo dramático, ao serem responsáveis pelas injunções sofridas pelas personagens. Em sua carreira acadêmica, em seminários e congressos no país e no exterior, Jorge quase sempre privilegiou a condição feminina. Sua dissertação de mestrado traçou, num estudo instigante, a trajetória das obras de compositoras da MPB.

A investigação desenvolvida pelo autor parte do primeiro romance brasileiro, *O filho do pescador*, de Teixeira e Souza, finaliza com *As três Marias* de Rachel de Queiroz, passando por *O quarto fechado*, de Lya Luft, *Inocência*, do Visconde de Taunay, *A ostra e o vento*, de Moacir C. Lopes, *Maíra*, de Darcy Ribeiro, *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e *Algum lugar*, de Paloma Vidal.

Nota-se que não foi o critério cronológico que determinou a sequência dos textos, mas o enquadramento destes nas categorias fundantes da investigação: confinamento e deslocamento. De fato, o estudo dos quatro primeiros romances evidencia o confinamento das personagens; quanto aos três seguintes, o deslocamento, sendo que a análise do livro de Rachel de Queiroz, que ficou para o final,

aponta para os dois processos. Estratégia interessante, pois contribui para um rico diálogo entre os textos.

As protagonistas femininas das obras selecionadas sofrem um duplo embate, pois aqui as relações de gênero agravam a atuação do espaço, tornando seus dramas sem solução. Por isso, Laura, de *O filho do Pescador*, tem sua “libertinagem punida com o claustro”; Ella, de *O quarto fechado*, é uma morta viva; Inocência, do livro homônimo, “deixa-se morrer” e Marcela, de *A ostra e o vento*, é metaforizada por uma ostra na praia dos Afogados. Essas as confinadas, enquanto as outras, embora deslocadas, não sofrem menos. Assim, Alma, de *Maíra*, morre ao dar à luz na beira do rio; Ponciá Vicêncio, do livro homônimo, é presa da demência; a protagonista de *Algum Lugar*, que nem nome tem, por sua relação com o filho, pode ser vista como uma luz no fim do túnel, apesar dos deslocamentos sem rumo. O final de *As três Marias*, porém, fecha as portas a qualquer saída.

Uma das grandes virtudes da tese de Jorge Marques é a perspicácia empregada no uso dos subsídios teóricos. Ele bebeu num rico manancial, mas nem por isso seu texto se revela inundado por teorias de apoio. Tzvetan Todorov, em seu livro *A literatura em perigo*, chama nossa atenção, usando uma metáfora para explicar o uso adequado desse suporte. “Para erguer um prédio é necessária a montagem de andaimes, mas não se deve substituir o primeiro pelos segundos: uma vez construído o prédio, os andaimes são destinados ao desaparecimento.”

Como suporte do desenvolvimento das ideias, amparadas por clara e perspicaz argumentação, o texto inova ao apresentar gráficos, onde as personagens se distribuem espacialmente. E o autor justifica: “O confinamento e o deslocamento configuram condições narrativas que podem ser dispostas espacialmente”. Ele chama, acertadamente, este recurso de “geometria topofóbica”, pois dá ao leitor a possibilidade de visualizar as trajetórias das personagens dos romances analisados.

A topoanálise de uma obra pode chegar a um resultado topofílico ou topofóbico, dependendo da relação da personagem com o espaço. Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, analisando a imagem da casa em poemas de Língua Inglesa, chega, quase sempre, a uma imagem topofílica, pois representa a casa como abrigo, refúgio, proteção. Jorge Marques sintetiza, admiravelmente, a situação espacial das personagens, revelando sua natureza topofóbica. Maria Laura, do deslocamento ao confinamento; Ella, o confinamento em si mesma; Inocência, confinada no sertão, na casa, no quarto; Marcela, uma ilha vigiada pelo farol;

Alma, errâncias da urbe à tribo; Ponciá Vicêncio, da pobreza à pobreza; a protagonista de *Algum lugar*, deslocamentos em um mundo globalizado e Maria Augusta, do confinamento ao deslocamento, sem saída.

A criatividade do autor agrega ao seu texto uma visão poética do drama das protagonistas. Em alguns momentos, tece considerações em forma de poema, sendo a melhor delas aquela que encerra o texto, deixando para o leitor a certeza da inexorabilidade da condição feminina. Citando: No fim: /Morte, melancolia, loucura/Raras esperanças se fazem ver/Confinadas, deslocadas: “Aqui não é o meu lugar!”

Mas não se assustem! Apesar do tom de desalento que emana do texto, sua leitura é prazerosa e de grande utilidade, como todo bom estudo crítico. Citando, mais uma vez Todorov: “A arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam.”

ELÓDIA XAVIER (UFRJ)

INTRODUÇÃO

Un individu n'est pas distinct de sa place; il est sa place même.

GABRIEL MARCEL

Ser e espaço.

Ser no espaço.

Espaço no ser.

Ser é espaço!

Desde sempre, o espaço é primordial na vida do indivíduo. A relação entre ser e espaço perpassa as diversas épocas, além de dizer respeito às mais variadas manifestações culturais, na medida em que sempre haverá, de algum modo, interferência de um em outro, em maior ou menor escala. Ora como pano de fundo, ora como elemento que influencia o ser e é, por sua vez, influenciado por ele, o espaço faz parte da vida de homens e de mulheres ainda na gestação. Envolvido no líquido amniótico, aconchegado pelo ventre materno, o feto apresenta a primeira experiência do indivíduo com a espacialidade. O ser que ainda não se completou tem, na barriga da mãe, uma vivência que, de acordo com os conhecimentos da Medicina, será fundamental para o seu *devoir*. É, portanto, na formação anatômica, viabilizada pelo invólucro materno líquido e sombrio, que as categorias ser e espaço inauguram um inter-relacionamento que será extinto apenas com a finitude corpórea.

É, então, estabelecido um mundo de espaços na existência que se inaugura e se desenvolve. Seja o indivíduo um “camponês sedentário” ou um “marinheiro comerciante”, caso se queira ater às matrizes conjecturadas pelo filósofo Walter Benjamin (2008a), não há dúvida de que a correlação ser/ espaço constitui um traço que aproxima realidades aparentemente muito distanciadas. Além disso, o

espaço jamais pode ser considerado imutável e constante, pois, ainda que a experiência da fixação em uma determinada terra seja levada a cabo pelo indivíduo, mesmo assim a paisagem é plural em seu cerne, além de serem múltiplas as possibilidades de observação.

Os quatro sintagmas que dão início a este estudo apresentam, ainda que apenas parcialmente, a temática geral a ser aqui desenvolvida. Os núcleos dos mencionados sintagmas (ser/ espaço) constituem os eixos sobre os quais se estruturarão as reflexões empreendidas, enquanto os elementos que os interligam (a conjunção “e”, a combinação “no” e o verbo de ligação “é”) oferecem valores semânticos diversificados às relações que ali se configuram. Com efeito, o primeiro conectivo, ao explicitar o valor de adição entre ambos, apresenta os dois elementos conjugados. Com a ajuda do vocábulo “no”, cujo sentido é reforçado pela inversão da ordem dos elementos centrais, “ser” e “espaço” passam a constar um do outro nos dois sintagmas subsequentes, de modo que, mais do que paralelizados, conforme ocorrera no primeiro caso, eles estão enfeixados, entrecruzados. Já em “Ser é espaço!”, os dois eixos fundem-se em um só: não há mais limites entre um e outro; pelo contrário, eles passam a se equivaler, donde se conclui que ser = espaço, o que já fora prenunciado pela frase que compõe a epígrafe de Gabriel Marcel. Na mesma toada vai o pensamento do antropólogo Roberto DaMatta, ao afirmar que “o espaço é como o ar que se respira” (1997, p. 27). Ainda a esse respeito, a professora Vanessa Kukul observa que

vigilantes ou sonhadores, a maioria de nós compreende que existir significa habitar. Habitamos espaços reais e espaços imaginários. Estes, não raramente, designam nossa psiquê e aqueles nos situam espacialmente no universo e nos revelam [...]. Os espaços são vividos em sua realidade e em sua virtualidade. (2005, p. 19)

A categoria tempo é mencionada de modo subliminar nos sintagmas rapidamente estudados acima. Efetivamente, a expressão que encima esta análise – “Ser e espaço” – perfaz uma clara referência a *Ser e tempo* (2009), o célebre estudo do filósofo Martin Heidegger. Sem dúvida, tal aproximação não é ocasional, pois as categorias tempo e espaço são tratadas como indissociáveis por críticos como Mikhail Bakhtin, que chegou mesmo a cunhar o termo “cronotopia” (ou seja, a fusão dos dois citados elementos) em suas reflexões.

O estudo aqui empreendido diz respeito exclusivamente ao universo do texto ficcional. Tal realidade torna imperativo um importante ajuste de denominação a um dos cerne da matéria aqui desenvolvida. Nesse sentido, o mais apropriado é afirmar que são as relações entre **personagem** e **espaço** que, efetivamente, constituem o ponto central desta análise. O crítico Anatol Rosenfeld parece concordar com esse ponto de vista, ao afirmar que “é [...] a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção” (2005, p. 21). Portanto, se o substantivo “ser” pode referir-se tanto a um eu-biográfico quanto a um eu-fictício, o termo “personagem” restringe o sentido do termo, associando-o exclusivamente ao universo da literatura.

Quando se privilegia o estudo das categorias supracitadas, é importante levar em consideração que o isolamento delas, embora necessário do ponto de vista do recorte teórico-acadêmico, não passa de um imperativo didático. O professor Antonio Candido, por exemplo, afirma:

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (2005, p. 53)

Em livro de Osman Lins sobre a obra de Lima Barreto, esse ponto de vista é corroborado quando o autor afirma que “a narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros” (1976, p. 63). E arremata, certo: “Pode-se, apesar de tudo, isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo – não, compreende-se, como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles” (Ibidem, p. 63-64). É ainda seguindo a mesma linha de raciocínio que o professor Carlos Reis afirma que “todo recurso da crítica não deve servir de mutilação do texto literário, mas para haurir, de modo disciplinado, as potencialidades que, no âmbito de estudos privilegiados, esse texto faculta” (1978, p. 31).

Procedimento semelhante ao descrito pelo estudioso é o desenvolvido no estudo que ora se apresenta. Neste caso específico, como já foi anunciado, personagem e espaço constituem os elementos artificialmente isolados para análise.

Destaca-se, nesse contexto, o caráter eminentemente interdisciplinar da proposta, visto que é intenção aproveitar parte do arcabouço teórico-metodológico da narratologia, a qual, afirmam Lopes e Reis, “estabelece relações com outras áreas de estudos: com a Linguística, com a Teoria do Texto, com a Teoria da Comunicação e, no âmbito estrito dos estudos literários, com a Teoria dos Gêneros, com a Pragmática Literária, com a História Literária etc.” (2007, p. 286).

Dentro do plano de trabalho estabelecido, o estudo da categoria personagem, se não abandona contribuições clássicas, como a de Forster¹ (2004), absorve os estudos inaugurados pelos formalistas russos que, em linhas gerais, propiciaram à análise do elemento em questão a abertura de um novo campo, a partir do momento em que passaram a estudar a categoria sob o viés semiológico, quer dizer, como um signo que se constrói numa perspectiva discursiva e que se inter-relaciona com outros signos. Ao isolá-lo, porém, é interessante observar como ele se erige, a partir de processos que redundam em uma semântica e em um léxico da personagem e que, por sua vez, oferecerão as devidas informações acerca de suas características físicas, psicológicas e socioculturais, as quais se entrecruzam com os dados de outras personagens. Por conseguinte, é importante que se observem as

múltiplas possibilidades de associarmos relações entre personagens no interior de uma enunciação literária, construindo equivalências potenciais que nos permitem abordar combinações entre elementos constituintes (traços psicológicos), elementos constituídos (índices estéticos de uma caracterização física) e elementos constitutivos (sinais sociais reveladores de uma inserção político-cultural da personagem no enredo do romance). (SANTOS, 2008, p. 178)

Sem receio de equívoco, pode-se afirmar que é a personagem o elemento que mais chama a atenção do leitor – tanto o comum quanto o especializado – na fruição da obra ficcional. Parta-se de um exemplo algo pueril para corroborar essa afirmativa: é notório que, ao se instaurar a temporada de premiação do cine-

¹ E. M. Forster foi o responsável pelo lançamento de conceitos hoje considerados clássicos acerca dessa categoria, tais como **personagens planas** (“flat characters”) e **personagens esféricas** (“round characters”).

ma norte-americano, fato que ocorre geralmente entre os meses de dezembro e fevereiro, as indicações efetivamente causadoras de *frisson* entre público e mídia são aquelas que têm a ver com as atuações do ano. Conquanto seja possível atribuir esse fato a uma indústria de entretenimento que gira em torno de personalidades admiradas e perseguidas continuamente por fãs, não se pode esquecer que, por outro lado, essas categorias são justamente aquelas que representam a concretização física das personagens na tela. Em outras palavras, os prêmios mais esperados dentro do meio cinematográfico assim o são não apenas por conta do *star system*, mas também pelo fato de que eles se relacionam diretamente com o elemento que, de uma forma ou de outra, acaba alcançando um imediato grau de empatia com o espectador. Semelhante grau de identificação parece estar presente, como já afirmado, quando se pensa no universo da narrativa literária. A esse respeito, o estudioso Muniz Sodré observa que “o personagem é o lugar-tenente da subjetividade na categoria romanesca” (1978, p. 53), para, logo em seguida, “assinalar a dificuldade, senão a impossibilidade, de conceber o romance sem personagem” (Ibidem). Essa fala é corroborada pelo professor Antonio Candido, que afirma com propriedade:

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. [...] Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, – como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna. (Op. cit, p. 54)

Se “no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance” (Ibidem, p. 55), a elaboração das personagens do texto ficcional faz parte, igualmente, de um projeto estético, pois “a personagem é, basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade” (Ibidem, p. 78). Isso significa dizer que a personagem tem de ser analisada pelo especialista levando-se em conta, particularmente, o labor artístico estruturado para delinear-la. É a partir daí que se revela a rede de elementos

que configura todos os aspectos do seu perfil, bem como o papel que exerce na trama, a instauração do relacionamento com as outras personagens e, sobretudo, como ela se insere na economia da obra.

As observações realizadas no parágrafo acima podem ser transportadas, sem maiores dificuldades, para o estudo da categoria espaço no âmbito da ficção narrativa. Entretanto, é importante ressaltar que, diferentemente do que se pode afirmar com relação à personagem – elemento que foi fruto de análises sistemáticas durante a modernidade, com destaque, por exemplo, para as contribuições advindas de críticos como J. Greimas, E. Muir, P. Hamon, R. Bourneuf e R. Oullet, entre diversos outros –, nota-se uma severa escassez de reflexões que tenham se detido na abordagem do espaço. Dessa maneira, observações referentes ao número limitado de obras que tratam dessa categoria são recorrentes em diversas análises consultadas para a elaboração deste trabalho. A professora Claudia Barbieri, por exemplo, afirma:

Observa-se que o estudo do espaço enquanto categoria essencial da estrutura narrativa e, conseqüentemente, o entendimento dos processos criativos envolvidos em sua composição, apenas recentemente começaram a receber atenção por parte dos estudiosos das Letras. (2009, p. 106)

Enquanto isso, pesquisadores como Aline Brustello Pereira e Oziris Borges Filho, ao apontar para questão similar, dão um passo adiante, pois cotejam a pequena importância dada ao espaço com a sistematização das reflexões dedicadas a abordar a questão do tempo. A primeira estudiosa observa que “na crítica literária, o estudo do espaço é escasso, uma vez que se deu bem mais atenção ao tempo do que à questão espacial” (2008, p. 275), enquanto o segundo reitera a assertiva ao dizer: “Observa-se quão pouco, proporcionalmente ao tempo, o espaço foi explorado” (BORGES FILHO, 2007, p. 12) para, logo depois, complementar: “É sintomático termos uma obra chamada *Tempo e narrativa*, em três volumes, de Paul Ricoeur, e não termos nada semelhante em relação ao espaço” (Ibidem).

Porém, é voz corrente entre os pesquisadores que, mais recentemente, a categoria espaço está sendo, pouco a pouco, alvo de um número maior de reflexões. Esse estado geral de otimismo remonta aos anos 60 do século passado, época na qual foi publicado o livro *Figures*, do crítico Gérard Genette, no qual o autor afir-

ma: “É certo que o descrédito do espaço que tão bem exprimia a filosofia bergsoniana cedeu hoje lugar a uma valorização inversa, a qual diz à sua maneira que o homem prefere o espaço ao tempo” (1966, p. 107). A propósito, a época histórica do lançamento do livro de Genette é marcante no estudo sobre a categoria em questão, como se pode concluir a partir da seguinte observação do pesquisador Oziris Borges Filho:

A partir dos anos sessenta, os estudos sobre a categoria “espaço” vêm aumentando significativamente. A publicação dos livros de George Matoré e de Henri Lefebvre, *L'espace humain* e *La production de l'espace* respectivamente, marca o avivamento das preocupações com essa categoria e, concomitantemente, incentiva as pesquisas nesse domínio. (BARBOSA; BORGES FILHO, op. cit., p. 4)

Entretanto, o certo é que, apenas nas últimas décadas, pôde-se observar, de modo efetivo, uma sistematização de análises que se dedicam ao tema. A esse respeito, o professor Mário Lugarinho, em instigante artigo, conjectura causas importantes tanto para a imensa valorização que o tempo obteve na era da modernidade quanto para o aumento recente do interesse pelo espaço no universo dos estudos literários. Afirma o teórico que as categorias entram na ordem do dia quando são, de alguma maneira, postas em xeque. Foi assim na modernidade, quando o conceito de tempo, até então solidificado, sofreu reformulações que modificaram a existência cotidiana: “Com o advento da modernidade, o tempo perdeu a sua forma de compreensão usual, linear e constante, numa extensão vazia e homogênea, como pensara Benjamin” (LUGARINHO, 2011, p. 5). Por isso mesmo, houve tantos esforços intelectuais no sentido de analisar e melhor compreender essa categoria, promovendo significativo material teórico acerca dela, já que o tempo emergia como eixo central das transformações que proporcionavam uma nova face à civilização. No plano artístico, os textos então produzidos refletiram a mesma preocupação, conforme aponta o professor Steven Connor:

É evidente que a obsessão com o tempo em todos os seus sentidos permeia o modernismo, da maciça arqueologia imaginativa do passado de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, à fragmentação do tempo cronológico em tempo mítico de *The waste land*, de

Eliot, à fusão do tempo contemporâneo e dos tempos da história no *Ulysses* de Joyce e nos *Cantos* de Pound, passando pelas visões do tempo cíclico ou universal em *Finnegans wake*, de Joyce, e *A vision*, de Yeats. (1993, p. 99)

Em tempos pós-modernos, no entanto, é o espaço que ganha destaque na ordem mundial globalizada. Em outras palavras, “o protagonismo do espaço vai deslocando a categoria de tempo do centro das indagações” (GOMES; MARGATO, 2008, p. 7). Fator resultante disso é que

há mesmo nos discursos das mais variadas disciplinas uma recorrência (muitas vezes como termos da “moda”) a essa categoria e seus correlatos, a exemplo de lugar, não-lugar, entre-lugar, território, limite, (des)territorialização, globalização, mundial e local, centro e periferia, margem, Estado-nação, cosmopolitismo, entre outros [...]. (Ibidem)

No citado estudo do professor Lugarinho, a preocupação com o léxico que cerca o assunto em questão se mantém: “Esta categoria [o espaço] comparece indicada por alguns conceitos recorrentes, como mapas, geografias, fronteiras, rotas de comércio, migrações, deslocamentos e diásporas” (Ibidem, p. 15). E, também à semelhança dos outros estudiosos, o analista afirma que “à crise da categoria tempo, já experimentada com o advento da modernidade, segue-se a crise da categoria espaço” (Ibidem, p. 5).

No turbilhão do mundo contemporâneo, o espaço emerge e se afirma como o catalisador de diversos elementos que passaram a transformar o todo da sociedade:

Os espaços ganham novas dimensões que merecem ser indagadas por ângulos da transnacionalização das culturas e das economias. Assiste-se aos embates advindos da coexistência tensa entre o local e o global, em que novas características temporais e espaciais resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, o que pode se abrir para uma nova espécie de cosmopolitismo, sem referência ao Estado-nação, mas ligada à economia globalizada, à desnacionalização, ao mesmo tempo em que com-

preender esse fenômeno não prescinde das tecnologias da comunicação. (GOMES; MARGATO, op. cit., p. 8)

No contexto delineado, é de extrema importância o aporte teórico de estudiosos da magnitude de Michel Foucault, que assim justifica seu maior interesse com relação ao espaço, em detrimento ao tempo:

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder. (FOUCAULT, 2008, p. 158)

Vale, entretanto, ressaltar que

não se trata de opor de forma simplista a modernidade temporal a uma pós-modernidade espacializada, mas entender que na constituição do cronotopo (espaço-tempo) moderno, o tempo histórico emerge como elemento fundamental no século XIX, radicalizado por um ethos vanguardista, [...] e entrando em crise com a alta modernidade, quando as tentações em falar de todos os tempos ou de uma atemporalidade mítica ganham força. No cronotopo emergente a partir do pós-guerra, e mais acentuadamente, a partir dos anos 70, é o espaço que se evidencia como elemento articulador de nossas ansiedades. O que não implica um esquecimento da categoria tempo no cenário pós-moderno, [...] mas uma redefinição cronotópica. (LOPES, 2002, p. 166)

No contexto brasileiro, algumas ações marcaram, na primeira década do século XXI, a emergência dos estudos sobre o assunto nos meios acadêmicos: a fundação do GPEA (Grupo de Pesquisa em Espacialidades Artísticas) – liderado pelas professoras Maria Cristina Martins e Marisa Martins Gama-Khalil –, vinculado à Universidade Federal de Uberlândia; a organização de congressos de

referência nos estudos literários, como o encontro regional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), que se intitulou “Sentidos dos Lugares”; além dos esforços capitaneados pelos professores Oziris Borges Filho, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e Luís Alberto Brandão, da Universidade Federal de Minas Gerais, em suas respectivas pesquisas, no sentido de erigirem um manancial teórico acerca do espaço. Especificamente no âmbito carioca, a realização do seminário “Espécies de Espaço” reuniu, no ano de 2008, a comunidade científica local em torno de pesquisas acerca da categoria. O resultado do encontro, um alentado volume de mais de trezentas páginas, trouxe reflexões importantes de nomes de peso sobre o assunto, além de aprofundar a análise que um dos organizadores do livro, o professor Renato Cordeiro Gomes, já há muito realiza em torno da questão das cidades. Cursos oferecidos na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em nível de pós-graduação *strictu sensu*, ministrados por professores como Elódia Xavier e Eucanaã Ferraz, também possibilitaram, mais recentemente, a reflexão em torno de temáticas ligadas à questão do espaço, ao tratarem, respectivamente, da casa e da cidade nos universos do texto narrativo e lírico.

Entretanto, todo o esforço realizado no sentido de estabelecer parâmetros epistemológicos razoáveis não é capaz de esconder imprecisões de ordem geral que ainda cercam o tema. Por conta disso, ao se realizar leituras acerca do assunto, observa-se que as teorias sobre o espaço são, ainda hoje, bastante difusas. Resultam disso divergências no que diz respeito a conceitos básicos referentes a essa categoria. No livro *Espaço e literatura: Introdução à topoanálise* (op. cit.), o docente da UFTM apresenta, por exemplo, a dificuldade que os analistas possuem, até os dias de hoje, de diferenciarem elementos basilares, como lugar e espaço. Com efeito, pesquisadores como M. de Certeau e Y. Tuan, declara o crítico, elaboram, em seus respectivos livros, definições diametralmente opostas a um e outro item, originando, daí, uma grande confusão conceitual. Não há dúvida de que isso demonstra inconsistência nos referenciais à disposição no mercado para os interessados na temática. A polêmica, a propósito, parece estar longe de ser resolvida, porque, como afirma Borges Filho, realmente “não há consenso a respeito das definições [sobre espaço]” (Ibidem, p. 14).

A pesquisadora Claudia Barbieri aponta para questões semelhantes em seu estudo, acrescentando, além disso, outras observações bastante interessantes sobre os esforços na análise do espaço: